



DE PARES E DE MESTRES UM REENCONTRO

João Maria Valença de Andrade

Professor do Deptº de Educação da UFRN

OI, esTÁVAmos IÁ
espremidos numa nesga de sombra
do muro dos fundos da escola
aguardando o abrir dos portões.
OITAVA A
o turno era o da fome,
alguns almoçavam antes de sair de casa
no meio da manhã.
8º "A" – 1976. Estávamos lá
para mais um dia co-letivo
de tarefas e gozações, pois
não fossem a ironia, o humor
e as pequenas transgressões
a escola seria um fardo quase insuportável
e as salas seriam jaulas de aula.
Mais um dia. Mais dia menos dia.
Os trabalhos e os dias.
O tempo e o vento^{1/4}
ESTAMOS AQUI!



Além do tempo vivido trazemos
cônjuges e crias,
celulites discretas e barriguinhas infames,
a vontade de (a)parecer sarado/a e
algumas vitórias pra contar
de então ou de depois –
depois pode ser algum canto
(de cantar ou de ficar) perdido
no meio desses vinte e cinco anos
a se interporem entre LÁ e AQUI.
ESTAMOS hoje AQUI!
Nosso belo mundo tem
celular na internet,
automóveis que prosseguem matando
a atmosfera com injeção eletrônica
e a primeira das grandes guerras
do terceiro milênio
(o bélico não é belo).
2001. Estamos aqui.
Como é bom rever vocês!
Como é bom estarmos aqui!
pares e mestres (e me constrangi
ante a intenção de iniciar o verso
com o adjetivo *velhos*, o qual
como tudo mais, tem múltiplo sentido
e posto assim desavisado é passível de magoar.



Além do tempo vivido trazemos
cônjuges e crias,
celulites discretas e barriguinhas infames,
a vontade de (a)parecer sarado/a e
algumas vitórias pra contar
de então ou de depois –
depois pode ser algum canto
(de cantar ou de ficar) perdido
no meio desses vinte e cinco anos
a se interporem entre IÁ e AQUI.
ESTAMOS hoje AQUI!
Nosso belo mundo tem
celular na internet,
automóveis que prosseguem matando
a atmosfera com injeção eletrônica
e a primeira das grandes guerras
do terceiro milênio
(o bélico não é belo).
2001. Estamos aqui.
Como é bom rever vocês!
Como é bom estarmos aqui!
pares e mestres (e me constrangi
ante a intenção de iniciar o verso
com o adjetivo *velhos*, o qual
como tudo mais, tem múltiplo sentido
e posto assim desavisado é passível de magoar.



Se só de mim posso dizer
fortemente suspeito: sobre mágoas
ninguém deseja aqui falar. Até porque
as de lá o tempo as desarmou deixando-lhes,
quando muito, alguma memória exemplar),
compartilhando um intenso sentimento de pertença
capaz de nos unir passados todos esses anos.
Então é só felicidade.

Que esse momento possa ser
só felicidade

lida num sorriso incontido
no exato instante do reencontro,
num brilho de olhar a irradiar emoção,
no abraço afetuoso ou nos beijinhos na face
mais comovidos que os dos tempos
da pêra, uva ou maçã.

Meus caros amigos, meus queridos mestres (a
tirania do gênero é favorecida pelos limites
da forma. Ademais, caros e queridos
são palavras tão formais^{1/4}
entretanto aqui e agora não questiono
um milímetro sequer
do seu sincero significado).

Meus caros mestres,
uns mais outros menos
marcantes e/ou distantes



pois muito obviamente ninguém ensina igual
(e similarmente ninguém aprende igual).
Meu severo mestre e meu mestre muito amigo,
se hoje sei haver rigor no afeto e afeto no rigor
foi com vocês que comecei a aprender
a importância de ser mestre e amigo
e o precioso valor da disciplina.
Querida mestra minha nas palavras telúricas
também ensinou métrica, cadência e rima.
Nunca esqueci. Mas meu tosco verso
continua livre, ao menos ele
resistindo num entorno que impõe
a obediência às regras.
Mestra caríssima das bárbaras palavras,
dos talentos oferecidos fiz chave
para saberes outros, afinal
como transpor portas sem chaves?
Meus queridos amigos
uns mais outros menos
constantes e/ou distantes
pois muito obviamente ninguém ama igual,
nossos causos recordados revelam um pouco
do que pudemos ensinar e aprender
uns aos outros, uns com os outros, e também
uns contra os outros
tanto lá quanto depois e, até mesmo
aqui.



Meus queridos mestres, nós, pares e amigos
OI, esTÁVAmos IÁ – 1976
Instituto Padre Miguelinho –
espremidos na nesga de sombra
do muro dos fundos
sem suspeitar que não muito depois
teríamos de brigar ferozmente
cada um por si e até uns contra os outros
para manter cada qual seu lugar ao sol.
Meus queridos amigos, meus caros mestres
ESTAMOS AQUI! Século 21
época de terror e de violência,
de individualismo e de prepotência,
mas o nosso momento é de paz
– beira-mar da Redinha –
e confraternização na felicidade do reencontro.
E se assim é que assim permaneça
em nossa memória
impresso em nossos tempos
e em nossos espaços,
em nossas linguagens e em nossa
história.